

## **Limiares da narrativa jornalística: entre o verossímil e o fabuloso<sup>1</sup>**

Rejane de Mattos Moreira<sup>2</sup>  
UFRRJ

### **RESUMO**

Procurando pensar acerca dos limiares, das fronteiras e tensões instituídas entre a discurso jornalístico e a escritura literária, o artigo pretende mostrar em que medida as formatações textuais da escritura jornalística promovem escapes, brechas e rupturas em seu processo constitutivo. Buscamos assim evidenciar as identidades e diferenças entre os dois campos e as ações de sentido que se produzem entre o fato e o acontecimento. Em análises de reportagens podemos perceber certas estruturas textuais que se rompem produzindo intercessões com a ficção literária. A partir desses confrontos vemos surgir textos híbridos que produzem brechas de sentidos, pois há um devir jornalístico na literatura e um devir literatura no jornalismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** discurso jornalístico; narrativa; reportagem; ficção literária.

### **DIMENSÃO DA PROBLEMÁTICA**

Para escrever, talvez seja preciso que a língua materna seja odiosa, mas de tal maneira que uma criação sintática nela trace uma espécie de língua estrangeira e que a linguagem inteira revele seu fora, para além de toda sintaxe.  
*O que é filosofia?, Gilles Deleuze*

De fato, o jornalismo, enquanto campo discursivo é constituído por cânones textuais. A dimensão veloz da produção, a necessidade de tornar o texto interessante, a atmosfera dramática dos assuntos e a lógica produtiva-informativa de sua escritura impõem à linguagem jornalística formatos e contornos circunstanciais, que fazem operar certas lógicas de sentidos. Um texto jornalístico, neste sentido, se produz a partir de relações mais ou menos estáveis com esses elementos, com essas linhas de força, constituindo, assim, uma linguagem bem específica. A noção de informação e a concepção de que a matéria jornalística está “a serviço de” também trabalham como demarcadores textuais. Portanto, o relato jornalístico é constituído por “marcas e fronteiras discursivas”.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ, vice-coordenadora do curso de Comunicação Social da UFRRJ, coordenadora do NECOM (Núcleo de Estudos em Cultura Midiática) [rejanemmoreira@gmail.com](mailto:rejanemmoreira@gmail.com)

Assim, o contrato entre leitor e escritor é de antemão firmado. Abre-se o jornal com certas motivações, que mesmo não sendo totalmente delineadas, laboram práticas de significar o texto. Mas essas marcas textuais tão fortemente desenhadas por seus componentes constitutivos podem se romper? Que limites reais essas marcas impõem ao texto e à narrativa jornalística?

Nosso artigo nasceu com o intuito de discutir essas questões, na medida em que as fronteiras demarcadoras da linguagem jornalística, cotidianamente, escapam, rompem e se esquivam de suas circunscrições. Nessas ocasiões, em um só golpe, aparece aquilo que propriamente define o texto jornalístico e aquilo que necessariamente lhe é adventício. No entanto, em nossas leituras de jornais, em nosso trabalho de pesquisa percebemos constantemente que esses limites são ultrapassados. A prática jornalística se faz também nesse “lugar de escape”. Isso nos mobiliza a pensar, já que é propriamente no limiar que talvez esteja um movimento de reinvenção e reconfiguração do jornalismo.

Neste sentido, num duplo movimento de perceber esses limiares gostaríamos também de intuir onde eles se processam. Aspiramos também repensar e apontar os limites do verdadeiro e do fabuloso na linguagem jornalística. Sabemos que essa discussão perpassa uma série de outras questões no entendimento do próprio campo. A dimensão do leitor, com sua vontade de “ser informado sobre a realidade” e a constituição de uma narrativa que evoca um real são vetores da escritura jornalística. O jornalismo narra, pois como indica Muniz Sodré a “narrativa não é privilégio da arte ficcional”<sup>3</sup>. Mas qual a densidade dessa narrativa? Quais as diferenças e motivações dessas narrativas? Como essas narrativas se processam? Questões que nos instigam a promover uma intercessão com a literatura, com pensadores da arte, com áreas diversas que podem nos dar pistas para entender a linguagem jornalística como “campo em ação de sentidos”.

Inscrevemos nosso artigo no limiar de certas subversões. Subversões estas praticadas cotidianamente pela práxis jornalística. Mais do que darmos um lugar a essas subversões gostaríamos de exercitar nosso olhar para as brechas em que a linguagem consegue alavancar outros movimentos de sentido. Entendemos assim, que a linguagem não é puro reflexo, reprodução ou reiteração de práxis, mas também movimento de desestabilização de formatos e junto com esses formatos descartes de estereótipos.

---

<sup>3</sup> Cf. SODRÉ, Muniz e FERAARI, Maria Helena **Técnica de Reportagem - Notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo, Summus, 1986., pg. 11.

Certamente o ambiente poético consegue garantir essa prática do escape. Mas o escape não pode ser tomado apenas como movimento de desvio, ao contrário é o movimento em que a escritura jornalística parece perceber seus limites impositivos de texto, em que o lugar de sua expressão é visivelmente intuído. Não estamos assim discutindo o que é ou não é jornalismo, mas pensando como esses limites são tênues e como percebê-los faz o jornalismo se modificar, se transmutar e cultivar outras formas de expressão, menos coercitivas. Com a função poética percebemos inteiramente esse ambiente subversivo como, ao citar E. Cossetiu, Blinkstein afirma:

... a poesia é o lugar do desdobramento, da plenitude funcional da linguagem... a poesia não é, como amiúde se diz, um desvio com relação à linguagem corrente (entendida como “norma” da linguagem a rigor), mais exatamente a linguagem corrente que representa um desvio diante da totalidade da linguagem.<sup>4</sup>

Na organização constante das narrativas jornalísticas se observa certa ordenação textual. Necessitamos então, conhecer melhor as características desse texto. A disposição do texto jornalístico segue um organograma consistente. A partir dos manuais de redação e do que é ensinado como fórmula da escrita nas universidades, sabemos que o texto jornalístico desenha-se por uma técnica de apresentação da matéria. Enfim, o texto jornalístico é uma intervenção na língua, tem uma estruturação, um sistema de produção que evidencia certa vontade de transparência com a realidade. Mário Erbolato em seu conhecido livro de *Técnicas de codificação em jornalismo* assim define essa organização:

Há três sistemas de redação jornalística, quanto à técnica de apresentação: a) pirâmide invertida; b) forma literária (ou pirâmide normal); c) sistema misto.<sup>5</sup>

Na realidade, essa nomenclatura ampla recomendada no livro do autor apenas apresenta os modelos do *lead*, que é um modo simples, claro e objetivo de apresentar matéria. É um instrumento, um facilitador da construção do texto. Ele torna o texto aprazível à lógica mercadológica a que foi condicionado o jornalismo. Jornal Diário

---

<sup>4</sup> Cf. BLIKSTEIN, I. **KASPER HAUSER ou a fabricação da realidade**. São Paulo, Cultrix, 1990. Pg.85.

<sup>5</sup> Cf. ERBOLATO, Mário, L. **Técnicas de Codificação em Jornalismo “Redação captação e Edição no Jornal Diário**. São Paulo, Ed. Ática, 2008 p.66.

representa isso, um texto cotidiano rápido, claro, de superfície imponente e que garante, num contra golpe, uma leitura fácil também.

Dentro de uma perspectiva crítica existem vários tipos de construções textuais, geralmente condensadas nos gêneros jornalísticos. Não estamos interessadas em rever esses conceitos e essas formas de tipificar os formatos jornalísticos. Bem sabemos que essa discussão tangencia os estudos epistemológicos da comunicação. Mas gostaríamos de entender a formulação da reportagem.

Entendemos que o “modelo” reportagem funda elementos que assinalam os acontecimentos a partir de uma potencialidade narrativa. A reportagem, segundo Sodré é “o conto jornalístico- um modo especial de propiciar a personificação da informação ou aquilo que também se indica como “interesse humano” (1986, pg. 75). Para o autor, reportagem acima de tudo é uma leitura do acontecimento na forma de um filme, com certa extensão da narrativa. Nesse sentido, a reportagem amplia o fato, documenta o acontecimento no desenvolvimento do personagem, tem como característica ainda a imersão do repórter no assunto. Diferente da escritura literária a informação é a sua guia. Todas as marcas estão ali depositadas: tempo, enunciação, descrição minuciosa dos lugares, assim como gestos, comportamentos e hábitos.

Na reportagem é possível percebemos alguns elementos que segundo Tchechoc a demarcam: força, clareza, condensação e novidade. Esses elementos, descritos por Sodré, podem ser averiguados. *Força* diz respeito ao efeito “que arrebatava o leitor”, toma o leitor por uma vontade de terminar a leitura. *Clareza* é a característica com a qual a matéria jornalística se alimenta. Com ela certa objetividade e concisão tornam a leitura econômica. *Condensação* representa uma compactação do assunto, retirando do texto o que for considerado supérfluo. *Novidade* que pode marcar o texto com algo surpreendente e certa observação diferente do assunto (1986, p.75-76). Esses elementos particularizam certo tratamento com a notícia e faz a reportagem se tornar mais extensa do que uma matéria puramente factual. Entendemos que as brechas do discurso jornalístico se dão mais intensamente na forma reportagem, pois ela permite uma abertura de sentido do texto e certos “namoros com literatura”.

Ao contrário de uma narrativa de ficção a forma reportagem responde ao quem, o quê, o como, o quando, o onde e o por quê pela realidade factual. Ou seja, a reportagem adensa o fato, produz um texto de natureza objetiva e desperta o interesse humano. Daí a

necessidade de traçarmos os limiares dessa forma narrativa da reportagem, já que queremos entender em que medida podemos observar seus escapes.

Nosso trabalho consiste em entender a forma narrativa reportagem pela matéria feita por Mauro Ventura na ocasião de uma denúncia de morte de um adolescente pelo tráfico, em reportagem denominada *Tribunal do Tráfico*, de 2007. Com uma narrativa que personifica e humaniza o relato, o repórter narra o acontecimento com objetividade, mas podemos perceber na construção textual as imprecisões entre realidade e ficção. Neste sentido, o trabalho de Ventura, que ganhou Prêmio Esso<sup>6</sup>, coloca em evidência os limiares da narrativa. Gostaríamos de ressaltar essas imprecisões a fim de discutirmos o formato textual jornalístico.

## EXPERIÊNCIAS CONCEITUAIS

Bom, se tomarmos a reportagem como espaço privilegiado que deflagra os limiares da escritura jornalística, é necessário percorrermos os labirintos conceituais acionados por ela. Uma das principais problemáticas do campo jornalístico diz respeito à conceituação de notícia. Muitos autores têm se dedicado a essa temática. O tema faz fronteira com as elementares teorias do jornalismo<sup>7</sup>. Definir notícia seria então perceber a abrangência do jornalismo na construção de nexos sociais, na propagação de memórias e narrativas cotidianas. Ou seja, a notícia é o elemento mesmo que o jornalista deve apresentar e com ela estabelecer sentimentos de pertença. Com fórmula simples, a notícia produz agilidade de leitura e certa objetividade que compõem a expressão do texto jornalístico. Em virtude da notícia que funciona uma máquina de reconhecimentos, rupturas e produções discursivas. O foco da notícia reside, assim, na incorporação do senso comum, dos interesses que rondam o público e do interesse do público. Sodré nos indica:

Seja no jornalismo escrito ou eletrônico, o dever do jornalista para com o público é *noticiar* uma verdade, reconhecida como tal pelo senso comum, desde que o enunciado corresponda a um fato, selecionado por regras hierárquicas e importância.<sup>8</sup>

<sup>6</sup> Prêmio Esso Regional 3 de 2008 com Mauro Ventura, com o trabalho TRIBUNAL DO TRÁFICO, publicado no jornal O GLOBO.

<sup>7</sup> Final do século XX, alguns autores têm essencialmente contribuído para a solidificação das teorias do jornalismo. Isso quer dizer que hoje se estabelece um estudo de sistematização do “pensamento” jornalístico.

<sup>8</sup> Cf. SODRÉ, M. *A narração do fato. Notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis, Vozes, 2009, p 12.

Mas Muniz Sodré indica ainda que a notícia dever ser tomada como “gênero sociodiscursivo”. O autor explica que isso implica em entender a notícia dentro de uma situação cotidiana, de certas experiências comunicativas. A notícia então é um discurso que estabelece situações de sentidos compartilhados e por assim dizer singularizados em determinadas instâncias sociais.

Pensar a notícia, neste sentido, é também agenciá-la à noção de “imperativo da neutralidade”. Esse princípio delimitador motivou o autor, a nos apresentar claramente as diferenciações entre fato e acontecimento, alinhavando conceitualmente o material utilizado na práxis jornalística. Se o tempo é um dos fatores primordiais para a estabilidade de um texto claro e objetivo é também na demarcação do fato que o jornalismo se produz como discurso seguidor da “correnteza do sendo comum”. Para apreender a nuance do discurso jornalístico e da escritura literária é então preciso entender as motivações da narrativa jornalística.

Ao diferenciar fato de acontecimento, Sodré esclarece seu intuito de produzir uma teoria que sistematiza certas formas de conhecer acionadas pela narração jornalística. Se a narrativa é uma intervenção no mundo, o jornalismo adensa essa intervenção na medida em que faz circular sentidos, comportamentos e valores.

Segundo Sodré, fato vem de toda uma tradição positivista e tem seu alcance balizado pela ideia de verdade. Portanto, o fato decorre de uma inclinação à verificação. O discurso jornalístico, a partir de técnicas, dosagens, seleções e combinações de elementos realça essa verdade. Na reportagem, esses elementos ampliam a narrativa e ao mesmo tempo mantém o valor de verossimilhança conectado às informações complementares. Essas combinações e seleções têm função de esclarecer o leitor e de o assentar na posição panorâmica do fato. Ao definir fato, Sodré reflete:

São os fatos que tornam as proposições verdadeiras ou falsas. Daí o antigo entendimento lógico de verdade como acordo entre a proposição (ou seja, uma representação) e o fato, isto é uma combinação que se estabelece entre coisas. Verdadeiro será, portanto, o enunciado que concorre (entenda-se o que seja capaz de figurar lógica e linguisticamente alguma coisa) com a realidade.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Cf. SODRÉ, M. A **narração do fato. Notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, Vozes, 2009, p.30.

O foco do jornalismo não está, a todo o momento, se encontrando com o princípio da veracidade? Há, nesse sentido, certa coincidência na emergência da histórica ideia de objetividade jornalística com a perspectiva de que o jornalismo deveria ser um “espelho fiel da realidade”. Muniz Sodré, assim, assinala a tendência do jornalismo em se apoiar no positivismo clássico “na medida em que se adere dogmaticamente aos “fatos brutos” (isto é, o que se oferece á intuição empírica) como ponto de partida para o conhecimento de alguma coisa.” (2009, p.31).

No entanto, mesmo tendo uma “vocação positivista” o jornalismo transpôs a instância reducionista de “aderir aos fatos brutos”. No complexo rearranjo social o jornalismo se estabeleceu como “gênero sociodiscursivo”, como apresentamos acima. Isso implica dizer que a verossimilhança será concebida dentro de mecanismos sociais compartilhados e instituídos. Neste sentido, a disposição positivista tenta a se dirimir no emaranhado complexo em que práticas de leituras dos textos jornalísticos se colocam. Dimensões como a ideológica comparecem para minimizar o aspecto factual das matérias, produzindo curto circuito nos sentidos estabelecidos pelo texto.

O jornalismo opera, então, na dimensão do acontecimento. Fora todos os aspectos filosóficos que envolvem o conceito de acontecimento, hoje entendemos o discurso jornalístico mais como possibilidade de ordenação dos fatos, de construção dos fatos com uma presunção de imparcialidade, do que uma representação dos fatos brutos. Ou seja, o discurso jornalístico não consiste em representar o real tal como ele se apresenta, mas institui-se como linguagem ordenadora do real, que a partir de certas injunções e sanções comuns, estabelece acontecimentos sociais.

Então, temos aqui dois importantes demarcadores conceituais que se encontram nas proposições das práticas jornalísticas: fato e acontecimento. Por fato tomamos aquilo que está relacionado à experiência empírica e que tem vocação à veracidade dos estados de coisa; já acontecimento seria um desdobramento do fato, ou seja, o acontecimento aborda um conjunto de normas e convenções discursivas, como um enredo e o enquadramento. Podemos afirmar, que segundo Sodré é o acontecimento que garante a delimitação da notícia, pois ele produz ordenações narrativas, organizações de sentidos de pertença e lidam com os interesses comuns.

De modo geral, o acontecimento é um fenômeno complexo na produção do discurso jornalístico. O discurso jornalístico, então não se resume à constatação de estados de coisas

brutos, mas a um emaranhado de narrativas sociais. Esse discurso está sempre preocupado em se manter fiel à factualidade e à veracidade dos fatos. Sodré explicita:

Parte-se do ‘fato bruto’ [...] para transformá-lo em ‘acontecimento’ por meio da interpretação em que implica a notícia, esse microrrelato que, desdobrado ou ampliado, nos dará possibilidade de acesso argumentativo ao ‘fato social’<sup>10</sup> (p. 71)

Na reportagem que iremos analisar na quarta parte do artigo, poderemos perceber como essa distribuição funciona. A matéria oscila entre uma percepção das “coisas mesmo”, com todas as suas limitações de enquadramentos e as “fabulações” do repórter diante das coisas. Há uma mobilidade, encontrada na leitura do texto entre o imaginário no texto e o fato ali descrito. Veremos como isso acontece nas matérias analisadas.

## INTERCESSÕES COM A LITERATURA

Devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, Mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação, tal que não possível distinguir-se.

*Crítica e Clínica* – Gilles Deleuze

Bem sabemos que a perspectiva ortodoxa de delimitar os gêneros jornalísticos em caixas conceituais estanques não permite análises singulares dos textos. Esse aspecto é dispensável na medida em que as modalidades textuais se imbricam, formando textos híbridos. Mas podemos perceber, no entanto, que o jornalismo possuiu uma singular prática textual. Sendo assim, vale o questionamento: é possível que a literatura aconteça no espaço do jornal?

Alguns grandes literatos afirmam que jornalismo é um campo da literatura. Sodré cita Truman Capote para instigar essa proposição ao dizer: “o jornalismo é a mais subestimada, a menos explorada das formas literárias” (2009, p. 158). Mas as delimitações parecem insistir, ora por conexão externa ao jornalismo, como no consumo do produto-notícia, ora evidenciada na atividade jornalística que busca incessantemente a objetividade, imparcialidade e clareza textual, inspirada no modelo americano de produzir matérias.

Em paralelo a essa discussão não se deve deixar de lado a matéria prima com a qual a literatura e o jornalismo trabalham: a dimensão da linguagem. Sendo assim, o que está em

---

<sup>10</sup> Cf. SODRÉ, M. *A narração do fato. Notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis, Vozes, 2009, p 71.

jogo em suas interferências com a linguagem é o modo de apreensão e também a gradação da “estética realista”. A literatura tem consciência de que a verossimilhança funciona como um entrincheiramento para o fabuloso e o imaginário. No processo de construção da palavra na literatura vemos um aumento das ilusões, uma ampliação das fantasias. Como explica Demétrio:

A literatura multiplica as ilusões, já que é a arte de criá-las, porém desmascarando-as por sua auto-referência, chegando dessa maneira a depurar suas verdades. Na mesma linha, o jornalismo parte no sentido oposto, tendo como princípio o desvelamento de qualquer farsa e, no entanto sucumbindo ante uma unidade impossível por ser a efêmera construção dos fragmentos do tempo presente<sup>11</sup>.

E o jornalismo? O jornalismo por depender de uma experiência cotidiana, comum aos sujeitos e compartilhada por grupos, tenta se afastar do mágico e fabuloso. Isso incide sobre a credibilidade de seu próprio discurso, pois como salienta Sodré é o discurso enquanto “o funcionamento da linguagem, o lugar de intersubjetividades ou de formação de laços sociais” (2009, p 141) que configura o ambiente das experiências cotidianas. Quer dizer, o jornalismo mais que a literatura promove um lugar de pertença social, ou espaço de imediata linha de reconhecimento. O caminho do jornalismo é regido pelo princípio de objetividade ou pela lógica positivista do fato. Sabemos, entretanto que há um dever literatura no jornalismo, não só como modo de edificar uma dimensão mágica ao texto, mas também como problemática de perceber em que medida o jornalismo “pensa” a comunicação como encontro e acontecimento. Esse dever literatura do jornalismo indica como há uma tênue linha entre o real e imaginário. Veremos como isso funciona na reportagem que escolhemos como objeto de análise.

Por isso a concepção de narrativa deve ser ampliada. Num texto contundente de Fernando Resende<sup>12</sup> a problemática da narrativa ganha novos contornos. Para o autor, o jornalismo, enquanto narrativa, deve se confrontar com a ideia de entender a comunicação como encontro. Resende afirma que é fundamental ao jornalismo perceber “os abismos que o discurso instaura”. Neste sentido, abrir as possibilidades de interpretação, buscar formas menos coercitivas de interpretação e promover um embate real com a literatura torna a escrita jornalística mais potente em “encontrar”.

---

<sup>11</sup> Cf. DEMÉTRIO, S. **Os limites do dever literatura no jornalismo**. <http://www.bocc.ubi.pt/>. Acesso junho de 2012.

<sup>12</sup>Cf. RESENDE, Fernando. **O Jornalismo e suas Narrativas: as Brechas do Discurso e as Possibilidades do Encontro**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, p.31-43, dez. 2009.

As experiências sociais e culturais, de forma mais intensa e constante, estão se configurando *com* e *nas* mídias. Somos conduzidos pelo que lemos, vemos, ouvimos. Pensar o jornalismo como narrativa, neste contexto, é entender que mais que um emaranhado de discursos, linguagens e formas textuais o jornalismo produz, incita e amplia histórias cotidianas, promovendo duplamente um sentimento sobre essas histórias e um sentido de comunhão. Liberdades, coerções, rupturas, reconhecimentos são constantemente produzidos no ambiente jornalístico. Se ele se encontra com a literatura é por se perceber limitado. Em nosso artigo pretendemos apresentar a reportagem como uma brecha, um escape na formatação de certas estruturas textuais do jornalismo.

### **MICRONARRATIVA DE UM ACONTECIMENTO**

Gostaríamos de analisar, neste item, uma reportagem publicada no jornal O Globo denominada *Tribunal do Tráfico*. Numa sequência de seis dias e seis matérias diferentes, a equipe de repórteres Mauro Ventura, Jaínton de Carvalho, Cristiane de Cássia, Jorge Martins e Sérgio Ramalho descortina as formas do tráfico, no Rio de Janeiro, de julgar pessoas que não acatam diretrizes instituídas por traficantes de determinadas comunidades. Em decorrência dessa matéria, Mauro Ventura, ganha o Prêmio Esso de 2008, na modalidade Regional 3. Com uma série de reportagens, a equipe acompanha o julgamento de um menor acusado pela comunidade e réus que escaparam do julgamento com ajuda de administradores de igrejas evangélicas. A reportagem ouve autoridades policiais, testemunhas do julgamento e gente comum que escapou com vida da circunstância.

Estamos interessadas em acompanhar as “marcas discursivas” de duas matérias especificamente em que acontece o julgamento de um menor acusado de roubar a própria comunidade. O repórter Mauro Ventura sobe o morro com a equipe de salvadores da Igreja que tenta impedir a morte do menino B. Essas reportagens, do dia 30 e 31 de março de 2008, nos parecem ricas em expor, a partir de uma utilização singular da linguagem, certo “namoro com a literatura”. Num esforço de observação podemos perceber em que medida o repórter transgredir os cânones textuais do jornalismo e escreve um texto repleto de imprecisões.

Queremos, com a reportagem, fazer um exercício de observação, buscando salientar as interferências da ficção literária num determinado discurso jornalístico. Queremos deixar claro que estamos buscando mais do que limiares, fronteiras e intercessões. Procuramos as

“zonas de vizinhança”, ou seja, as indiferenciações que tornam o texto jornalístico potente em buscar por novos sentidos.

Antes de tudo é necessário alinhar os aspectos gerais do assunto. Dentro dos critérios de notícia, a reportagem se apresenta como notícia de grande interesse. É uma série de reportagens que gira em torno da violência. E violência é mote para qualquer discussão na cidade do Rio de Janeiro, mais especificamente. Como bem salienta Sodré, a *feature*, que é uma possibilidade de representar alguém ou alguma coisa com interesse dramático, cômico ou insólito (2009, p.223) funciona muito nessa ilustração que apresentamos. Como dissemos, a retratação da violência na matéria tem forte carga emotiva. Essa dramatização da notícia é endereçada ao leitor e define o valor notícia da reportagem.

O tempo e a dosagem do tempo em seis matérias diferentes, em dias também diferentes mantiveram o estado de tensão da notícia. Ouve um acompanhamento da reportagem, um aprofundamento de determinado assunto, como por exemplo, a escuta de autoridades sobre o caso, como o secretário de segurança pública, a fala do presidente da OAB em relação a cultura do fazer justiça pelas próprias mãos. Importante salientar que o tempo é um componente essencial para a construção de uma reportagem, que, por definição trabalha mais vagarosamente os assuntos. Segundo Sodré é fundamental perceber que:

O tempo do texto não dever ser confundido com o tempo da história.... O tempo da história diz respeito às referências temporais que estão presentes no texto (ex; na manhã de sábado...;” “no último mês de agosto... etc”).... O tempo do texto é outra coisa; trata-se do modo mais acelerado ou mais retardado de reproduzir os fatos, conforme efeito que se pretende obter da narração.<sup>13</sup>

O texto de Ventura inicia com um *lead* pouco comum, pois as informações estão entremeadas de elucubrações do próprio repórter. Vejamos:

*Do alto-falante da birosca saem versos - “eu só quero amar/eu preciso amar”/que soam irônicos para a ocasião, mas B. está mais preocupado com a arma engatilhada à sua frente do que com a trilha sonora que provavelmente embalará sua morte. “É agora que vou para o caixão”, lamenta-se, enquanto o suíngue do cantor Bebeto preenche o ambiente com a música “Cheiro de rosa”, num curioso contraste com o forte odor de sujeira e pânico que sai de B. Quase tão doloroso quanto o pensamento alarmante é saber que sua mãe tinha dito, mais cedo:*

---

<sup>13</sup> Cf. SODRÉ, Muniz e FERAARI, Maria Helena **Técnica de Reportagem - Notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo, Summus, 1986., pg. 95.

- *Nem adianta eu pedir o corpo porque não tenho dinheiro para enterrar.*

Nesse trecho podemos perceber como a dimensão poética inspira o repórter. Toda a construção textual abole o *lead* clássico e coloca imediatamente o leitor no ambiente estranho do acontecimento. A extensão factual é dirimida por uma perspectiva ficcional do acontecimento. Na frase “*Quase tão doloroso quanto o pensamento alarmante é saber que sua mãe tinha dito, mais cedo:- Nem adianta eu pedir o corpo porque não tenho dinheiro para enterrar.*” há uma expansão temporal. Quase necessária a pergunta do leitor de jornal: como ele sabe que a mãe disse isso? Essa questão impõe uma lógica de sentido diversa da fórmula jornalística de texto articulado e objetivo.

Seguindo a narrativa, Ventura se esmera em detalhar não só o local em que acontece o julgamento, mas também as impressões e falas que atravessam a situação. Em momentos específicos do texto o autor expõe idéias de personagens, sem se importar em dar crédito imediato. Ao discorrer sobre a situação do menor, que fora acusado pela comunidade de efetuar assaltos aos moradores locais e com isso vai ser punido pelos traficantes, o repórter mostra falas indiretas, como no trecho a seguir:

- *Difícilmente aparece um rato da favela – diria mais tarde um evangélico presente à sessão. – se os traficantes liberam, ele vai dar cria, vai continuar roubando no morro.*

Outro aspecto concreto no texto é a interpretação que o próprio repórter faz dos acontecimentos. Se no jornalismo clássico há um permanente abalo da ação interpretativa da primeira pessoa, na ficção literária essa dimensão não está marcada decisivamente. Na escritura literária o autor ora se coloca como espectador do acontecimento ora sugere o acontecimento a partir de uma leitura muito própria. Não há problema epistêmico em escrever com esses cruzamentos intensivos. No jornalismo é diferente. A dimensão pessoal é pano de fundo para a história, a fim de produzir uma lógica de sensação da verossimilhança. Podemos perceber como Ventura mais uma vez faz deflagrar essa direção textual na matéria:

*De onde B. está consegue escutar as manifestações populares. E não está gostando nada do que ouve.*

Como autor do texto jornalístico sabe que B. não está gostando? O que faz o repórter interpretar a situação senão certa licença poética compreendida na ocasião? Nesse

trecho vemos assim os escapes possíveis aos cânones jornalísticos em prol de uma tessitura discursiva mais maleável às interpretações e menos afeita à objetividade.

Seguindo com nossa ilustração percebemos ainda que a matéria do dia 30 de março, iniciada na página 20 da editoria Rio, não aponta para a localização do morro que o repórter visita. Apenas na página 21 ao fim do primeiro trecho podemos perceber que ele cita três nomes de morro do Rio de Janeiro.

*Nem sempre os réus conseguem sobreviver aos julgamentos dos tribunais do tráfico nas favelas do Rio, como foi o caso de B. O garoto de 15 anos, que roubava dentro da própria comunidade, ia ser morto quando o pastor Marcos Pereira, da Assembléia de Deus dos Últimos Dias, intercedeu para salvá-lo, história que foi contada na edição de ontem do GLOBO. A pena de morte foi convertida em exílio. O pastor Marcos tem uma legião de assistentes que funcionam como mediadores de conflitos em centenas de favelas, da Nova Holanda ao Complexo do Alemão, da Chatuba ao Amarelinho.*

Apenas num pequeno box Mauro Ventura finalmente explica para o leitor o que realmente aconteceu e como ele chegou até aquela situação.

*Na hora em que chegamos ao ponto mais alto da favela, perguntei ao pastor Marcos Pereira se não era melhor ele me apresentar de cara aos bandidos. Era uma preocupação natural. Ao contrário dos evangélicos, que estavam de terno, eu vestia camiseta e calça jeans. Claramente não fazia parte do grupo de fiéis. Ele disse: 'Não, fica tranquilo, pode saltar.' Mas é difícil manter o sangue-frio quando se está cercado por nove traficantes, com metralhadoras penduradas no ombro, fuzis carregados na mão e pistolas enfiadas na cintura. Eles perceberam que eu não pertencia à igreja, mas, como estava junto aos fiéis, deviam imaginar que era de confiança do pastor. Foi bom não ter sido apresentado de imediato, porque não saberia até que ponto minha presença influenciaria a sentença. Somente no fim, na hora em que o pastor reuniu todo o bando para uma oração, é que um dos bandidos perguntou: 'Mas quem é esse cara?'. O pastor explicou que eu era jornalista do GLOBO e que estava acompanhando seu trabalho. Eles advertiram que eu não poderia citar sequer o bairro onde se localiza a favela.' MAURO VENTURA acompanhou o tribunal do tráfico que julgou B.*

Para terminar gostaríamos de apresentar uma característica do texto de Ventura que no início da matéria do dia 30, na página 21, evita o ponto de vista onisciente de repórter e dá voz aos personagens que ali se encontram. Talvez essa seja uma forma mais livre de narrar, sem, contudo, deixar de perceber a dimensão da informação que marca todo o trabalho. Vamos ao trecho:

*– O julgamento de B. teve lugar em dois pontos da favela. Começou num beco, ao lado de uma ribanceira, para onde é conduzido o pastor Marcos Pereira logo que chega ao morro. Ele se assustou com o estado de B.  
— Olha como é que tá você, ô cara.*

*O traficante ameaça o rapaz:*

— *Eu vou te matar agora, quer ver eu te matar na frente do pastor?*

— *Pelo amor de Deus, deixa eu fazer uma oração, deixa eu orar por você — pede Pereira.*

— *Não bota a mão na minha cabeça, não — afasta o b a n d i d o.*

*Diante da reação ríspida, um pensamento inquietante passa pela cabeça do pastor evangélico: “Ele deve ser macumbeiro.” Pereira faz uma oração para B.*

— *“Tá amarrado, Satanás, é o demônio, manifestou, é o espírito do roubo” —, mas percebe que o traficante continua intransigente. Como bom advogado, muda de estratégia e finge entrar no jogo do bandido. Dirige-se ao rapaz, com voz firme:— Estou sendo esculachado por causa de tu, tu é safado — diz, enquanto dá uns tapas no peito de B.*

Com este tipo de narrativa o jornalista acompanha a situação sem deixar que sua percepção afete a sensação de leitura daquele universo por seus leitores. Se em alguns segmentos da matéria podemos perceber que a credibilidade do repórter é colocada em cheque, como selecionamos mais acima, aqui essa restrição não procede. B. , os traficantes e os mediadores do conflito estão na situação, no acontecimento e o texto busca narrar isso.

Se tomarmos toda a matéria dos dias 30 e 31 de março, veremos que a narrativa continua no outro dia, como num romance dramático. Há também uma mistura entre o imaginário e real, característica da imprensa diária, bem como entre o verossímil e o fabuloso. Mauro conseguiu colocar o leitor num constante estado de tensão entre esses campos. Em determinado momento percebemos que isso é uma estratégia inerente ao discurso jornalístico e em outras somos levados a interpretar o texto com mais liberdade de sentido, num jogo constante entre o que repórter apresenta e o que nós, leitores apreendemos disso.

## REFERÊNCIAS

BLIKSTEIN, I. **KASPER HAUSER ou a fabricação da realidade**. São Paulo, Cultrix, 1990.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.

\_\_\_\_\_ **Crítica e Clínica**, Trad. Peter Pál Pelbart, Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.

DEMÉTRIO, S. **Os limites do dever literatura no jornalismo**. <http://www.bocc.ubi.pt/>. Acesso junho de 2012.

ERBOLATO, Mário,L. **Técnicas de Codificação em Jornalismo "C Redação captação e Edição no Jornal Diário**. São Paulo, Ed. Ática, 2008.

RESENDE, Fernando. **O Jornalismo e suas Narrativas: as Brechas do Discurso e as Possibilidades do Encontro**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, p.31-43, dez. 2009.

SODRÉ. M. **A narração do fato. Notas para uma teoria do acontecimento**.Petrópolis, Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_ e FERAARI, Maria Helena **Técnica de Reportagem "C Notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo, Summus, 1986.

O GLOBO. **Tribunal do Tráfico**